

A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 9 — 1916

22 de Fevereiro

DIRECTOR E EDITOR:

ASTRIGILDO CHAVES

COMPOSTO E IMPRESSO EM

A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41-A a E — LISBOA

Propriedade de Armenio Monteiro

Toda a correspondencia para
os escriptorios provisorios

R. d'Alcantara, 41, 1.º E.

TELEPHONE 3362

Preço de assignatura: Serie de 25 numeros **500 réis** para o continente, ilhas e ultramar. Estrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Acrescem as despesas de cobrança. **Avulso 20 réis.** **Annuncios:** Convencional, sendo permanente, não sendo **30 réis** a linha, corpo 6, pagina dividida em 6 columnas.

REMEMBER



Sua Magestade a Rainha D. Amelia, tendo ao collo Seu Augusto Filho, que foi barbara e covardemente assassinado na tarde de 1 de Fevereiro de 1908.

Questões partidarias

Videirinhos

Não foi só para os impropriamente chamados republicanos, porque, afinal, republicanos poucos ha, sendo a maioria videirinhos, que a proclamação d'este moralizador systema politico foi uma mina... Ha tambem individuos, que dizendo-se monarchicos e monarchicos militantes, teem vivido, e vivido bem, á custa do sacrificio monetario de muitos em favor da Causa Monarchica...

Por ahi correm de bocca em bocca historias, com citação de quantias, com citação de nomes de individuos, locais, momentos e muitas minudencias, de factos em que as mãos se não lavaram e a consciencia dormiu...

Ao dirimir d'uma contenda d'essas assistimos já e em nossa consciencia garantimos que a defesa nos não convenceu...

Cá dentro, como lá fóra, nem toda a gente tem sabido morigerar os seus habitos de bem viver, nem toda a gente tem sabido respeitar a bandeira a que se acolheu.

Conhecemos muito quem tenha sacrificado posição, haveres e bem-estar pela Causa que abraçou e em que julga, e bem, residem os interesses da patria portugueza e o bem-estar de todos os seus filhos.

Esses são dignos da maxima consideração e respeito, e constituem — grande gloria partidaria! — a immensa maioria; mas por elles e pela honra da causa — necessario se torna escorraçar os vendilhões!

Que importa que aos adversarios seja espectáculo exploravel vêr collocar, entre baionetas, nas fronteiras do partido a quem se diz monarchico, se os monarchicos que nunca sujaram a sua honra com uma denuncia ou com cinco reis da Causa, ficam livres d'um mau contagio e d'um vil denunciante!?

E' necessidade imprescindivel acautellar contra os que á custa da Causa teem vivido e para assim continuar a viver a teem trahido e denunciado, locupletando-se com dinheiro que receberam para determinado fim, enganando vilmente quem lh'o confia, ou indo vender os segredos que lhe não pertencem.

Temos ouvido milhares de vezes indignadas objurgatorias contra factos d'estes, sabemos que tem attingido por vezes a forma de *chantage* descarada a maneira como se pede dinheiro para ficticios fins, e é preciso que isto acabe. Para honra nossa, para honra da Causa!

*

Não sabemos se novamente se virá a tentar o meio revolucionario, nem sabemos se haverá viabilidade de para tal juntar os necessarios fundos; mas a dar-se tal facto é preciso que se não entregue dinheiro pouco ou muito ao primeiro que apparecer; é preciso que as ordens de responsabilidade não sejam transmittidas a tagareladores e que se tomem informações seguras sobre as pessoas que de perto tremem no *complôt*...

Em plena rua do Ouro, na hora em que a concorrência a torna quasi intransitavel, ouvimos uma vez, ha já muito, um individuo dar amplas explicações a ouvintes que lh'as não tinham pedido, sobre ordens que havia pouco tinha recebido, indicando... o que para o caso não vem!

Esta deslealdade é talvez a cauza maxima da manutenção da republica... Quan-

tos elementos de valor se teem retrahido, quantas boas vontades se teem perdido, quantos homens de prudência, vontade, coragem, valor e saber, olham desconfiados os que lealmente lhe propõem marchar para a frente?...

Não! Isto não pode continuar! Ha que fazer a selecção e quanto antes!

Temos a certeza de desagradar a muitos com este artigo, temos a convicção de agradar a muitissimos. Nem o desagrado d'uns nos encommoda nem o agrado de outros nos move.

Este jornal fundou-se para proclamar bem alto a necessidade de salvar a patria, sob a égide sagrada da bandeira monarchica; só esse fim nos move.

Nunca chegou ao porto de destino o navio que metteu piloto inimigo...

*

Não ha, n'este momento, que saibamos, quem tenha poderes electivos para orientar a politica partidaria e por ahi andam dispersas e ao acaso as forças, grandissimas forças, de que dispomos.

Pois enquanto se não fizer a organização partidaria, achamos conveniente que os monarchicos residentes em Lisboa e que não soffram da pecha do medo, se reunam e elejam uma comissão composta de individuos reconhecidamente competentes, para assumir provisoriamente a chefia; comissão que todos devem acatar e respeitar, deixando em casa a vaidade e tomando contente o logar que lhe fôr marcado dentro d'este exercito, que precisa disciplinado para poder vencer.

Campanha anti-maçonica

Respondendo ao apelo de V. acerca da «Liga Anti-maçonica», permita-me que lhe diga que é um assumpto que merece profundo estudo para se poder responder com acerto, no entanto vou expor-lhe as medidas que no momento me occorrem:

1.º—Aproveitar a corrente indisciplinadora em que elles teem o povo, conduzindo-a imperceptivelmente para um caminho de resultado contraproducente, por meio de prospectos, folhetos e broxuras em que se lhe mostre o que é e o que tem feito a maçonaria. Nos pasquins usar-se-ha de estilo arrebatador e phrases de sobreaviso, e nos folhetos e broxuras, da forma romantica ou em palestras; tudo isto distribuido profusamente, e a baixo preço o que não poder deixar de ser.

Usar mesmo de distribuição de gravuras excitativas, e conseguir que no commercio appareçam productos com ellas por reclame.

2.º—Nunca remetter correspondencia nos dias em que haja estampilha d'assistencia, e tornar esses dias bem publicos, para aviso.

3.º—Exigir dos bispos que obriguem os padres a cumprir á risca os usos e costumes das suas respectivas freguezias, e notificando ao publico que os pensionistas são os seus inimigos porque sendo pagos pelo estado para os servirem gratuitamente, elevaram os emolumentos— e cital-os.

4.º—Promover o amor patrio por meio da publicação de monographias dos respectivos concelhos, exaltando os antepassados e salientando os efeitos da maçonaria. (N'este sentido iniciamos a publicação da monographia d'este municipio de que brevemente remetterei um exemplar a V.).

5.º—Ter a maxima cautella com as listas dos nomes das pessoas da «Liga» porque desde que isto conste a séde é assaltada para se saber quem são, e depois... os maçons hão de tentar introduzir algum membro na «Liga».

6.º—Nunca elevar o custo dos jornaes monarchicos ao dos republicanos, e dar aos vendedores alguma garantia a mais para maior propagação. Sem mais por agora, subscreve estas mal alinhavadas ideias o

De V.

J. Arnaut.

Como elles começaram!

Antonio Macieira—Alexandre Braga
Insultos—Vaias—Expulsões

V

Caíu como sôpa no mel o grande banquete de homenagem ao sr. deputado e leader democratico Alexandre Braga, effectuado no dia 17, no Hotel Central...

Mais uma vez o sr. Affonso Costa, maltratou as prosapias do seu amigo e correligionario Antonio Macieira. Enquanto este classifica o sr. Alexandre Braga de *craneo de silex*, o sr. Affonso Costa proclama-o o primeiro orador — nada menos! — *quetem dado a raça portugueza*... Felizmente para a raça o sr. Affonso Costa não é na materia nenhuma auctoridade, antes pelo contrario...

Não ha duvida que o sr. Alexandre Braga foi um bom orador de logares communs, os quaes sabia ingrinaldar com certa arte; mas d'ahi a ser o maior orador da raça portugueza vae um abysmo! Mas o sr. Affonso Costa é em tudo assim — um exagerado, se lhe dá para ser comico, produz o caso do elevador de Santa Justa e o do coupé 44; se lhe dá para ser escriptor — faz aquellas *Memorias* que começamos a publicar no n.º 5, em que põe em primeiro plano o estomago e depois as convicções; se toma attitudes de conservador a breve trecho desconcerta-se e dá-nos um Torquemada, tendo, é claro, as costas guardadas pelos chanfalhos da auctoridade; se simples cidadão dá-nos aquelle formidavel acto de coragem — do carro electrico...

E' a incarnação do exagero!

Que importa pois que elle grite n'um banquetto ao *toast* taça de champagne em punho, que o sr. Alexandre Braga é o primeiro orador portuguez, se elle seguindo a sua linha de conducta deve tambem ser um exagerado a banquetear-se e... ao *toast* saber já menos o que diz do que o que faz?!

Diz o sr. Affonso:

«Pelo seu perfeito republicanismo, Alexandre Braga nunca faltou á sua chamada, nunca deixou de por elle se expôr aos maiores perigos, sempre forte e sempre sereno».

E diz o sr. Macieira:

«Executei um homem que tinha a alma curtida em lama e o corpo curtido em vinho».

«Entrava nas tabernas de consciencia pesada e estomago leve, e sahia de estomago pesado e consciencia leve, porque sahia inconsciente. Tinha mau vinho; insultava e calumniava. Cada arrôto um insulto, cada vomito uma calumnia».

Os três são correligionarios, os três se conhecem por dentro. Qual vale mais?!

*

Mais um bocadinho do sr. Macieira sobre o sr. Alexandre Braga:

«Ainda a proposito da arithmetica, diz o idiota, querendo refutar o meu argumento de que a Academia de hoje é, em maioria, a Academia do tempo em que elle escreveu os Insultos: «ha cinco faculdades na Universidade; d'ellas, quatro comprehendem cada uma cinco annos, e a que restã tem somente quatro. Ora, os Insultos foram publicados em novembro de 1894; portanto em 95 sahio o quinto anno das faculdades de Direito, Medicina, Theologia e Mathematica e o 4.º de Philosophia; em 96 o mesmo

aconteceu ao quarto das quatro primeiras faculdades e ao terceiro da quinta; em 97, o mesmo ao terceiro das quatro e ao segundo da quinta. O que ha, portanto, d'esse tempo?

Vou responder-lhe, visto que estou cheio de paciencia:

Os cinco ultimos cursos da faculdade de Medicina, porque, rigorosamente, não são cinco mas oito, (com os preparatorios), os annos d'essa faculdade; os cursos do quarto e quinto annos de Direito, Theologia, Philosophia e Mathematica; e, além d'isso, os muitos repetentes nas differentes faculdades, mórmente na de Direito.

Conte pelos dedos.

Esse argumento, que é um lindo sophisma, foi architectado pelo Alexandre de Albuquerque quando, cheio de piedade, defendia a alma penada; nem ao menos soube recompor-o apanhou-o mal; para a outra vez plagie melhor.

E para fechar com chave de ouro, por hoje, esta tirada affonsina:

«A sua bella serenidade não o desacompanha hoje, como nunca, dando á sua figura de elite o poder de uma sympathia irresistivel».

Não á duvida: quando a gente pela tarde nos trottoirs do Rocio vê quem passa, e avista o sr. Braga tem immediatamente uma irresistivel sympathia... pelas corridas pedestres e mais d'uma vez, insensivelmente, começa o treino...

Contra o que protestamos vehementemente, a não ser que fosse troça ou effeito do champagne, é contra a affirmação de que o sr. Alexandre Braga, tem um logar eminente dentro do coração de todos os portuguezes...

Em primeiro porque o coração dos portuguezes é uma viscera regularmente constituida e que portanto só possui dois auriculos e dois ventriculos — não tem logares eminentes; em segundo porque o sr. Affonso Costa não conhece portuguezes, conhecerá republicanos, conhece por certo democraticos e formigas, mas portuguezes — isso não!

E... ha que distinguir!

Mas a mania d'esta gente de estar sempre a fallar em quem lhes não liga importancia!...

Que impertinencia!

Organisação monarchica

Assistencia a monarchicos

No passado numero publicámos sobre estes titulos duas cartas: uma do sr. João Pereira, e outra do sr. Alfredo Ferreira, ambos nossos prestantes correligionarios e assignantes.

Sendo, como são, assignadas — e tendo a carta do sr. Alfredo Ferreira sido já publicada na parte organisação, no respectivo inquerito, foi-o agora novamente porque s. ex.^a nos ponderou que não publicando a segunda parte o haviamos collocado em má situação, — nenhuma responsabilidade pessoal ou moral temos, pois, nos dizeres quer d'uma quer d'outra, pelo que, é obvio, não ha contradicção nossa. São depoimentos e cada um depõe segundo a sua consciencia.

O inquerito continua, e no final veremos qual a opinião mais geral sobre tão interessante quanto momentoso assumpto.

Pedimos, porem, concisão nas proposições.

QUEREIS DINHEIRO MUITO DINHEIRO?!...

IDE HABILITAR VOS A' FELIZ CASA

GAMA

Antiga Casa MANAÇAS

Rua do Amparo, 49 Lisboa

Sempre Sortes Grandes!...

Echos & Commentarios

O 14 de maio feriado nacional

Os antigos cannibacs da Nova Zelandia, tambem costumavam celebrar com batuques os dias em que para o banquete logravam caçar carne de branco. Achamos por isso natural que o deputado democratico Sá Pereira, socialista renegado, apresentasse ás camaras o seguinte projecto de lei:

Art. 1.º *E' considerado dia de festa nacional o «Dia Catorze de maio.»*

Art. 2.º *fica revogada a legislação em contrario.*

No relatório que precede este mirifico projecto escreve o ex-caixeiro da Casa Africana: — *O sangue derramado foi muito, as victimas contaram-se ás centenas.* Como a verdade sae dos labios d'esses tartufos, sem o quererem!

Então para celebrarem o **assassinato de centenas de compatriotas** é que tornam dia de grande gala o quatorze de maio?

Esse movimento negregado marcou o inicio da Communa de Lisboa. Matou-se, incendiou-se roubou-se. Destruí-se na sanha feroz, exclusiva de destruir o existente. Se não fosse o temor das esquadras estrangeiras que accorram ao Tejo, que contiveram em respeito as furias selvaticas dos bandoeiros, a razzia teria sido completa

Pois esse dia, de verdadeiro luto para a nação, em que a patria portugueza esteve em perigo de naufragio, vae figurar no calendario como dia de festa nacional!

Não tarda que não vejamos novo projecto, apresentado pelo governo:

Art.º 1.º — São considerados dias de festa nacional os seguintes:

(a) Em que foi assassinado o Tenente Soares.

(b) Em que foi liquidado o infame João de Freitas.

(c) Em que os defensores da republica fusilaram Ramiro Pinto...

(d) etc., etc.

Art.º 2.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Le sang, qu'on fait saigner dans ses tombeaux, se venge toujours. Que seja implacavel essa vingança.

Monarchicos pobres

O Sr. Dr. Martins Grillo, nosso amigo e annunciante d'este jornal, dá consultas gratis aos correligionarios pobres, todos os dias uteis das 2 ás 3 horas.

Este jornal está auctorizado por s. ex.^a a identificar o correligionario.

O Espectro

Como dissemos findou com o n.º 7 o credito dos assignantes d'aquelle pamphleto, e não tendo havido devoluções entende-se que nos quizeram honrar continuando a receber *A Monarchia* que lhes será debitada desde o n.º 8.

Offerece-se individuo, que tem sido perseguido pela sua edeia monarchica e que se vê desempregado e com mulher e 5 filhos a sustentar, pelo que implora de todos os monarchicos um emprego.

Tem bastantes aptidões litterarias e dá informações.

Carta a esta redacção ás iniciaes M. N.

A gréve academica

Estão em gréve os estudantes dos cursos superiores, uns por motivos proprios, outros crêmos que só por solidariedade.

Entendemos que os estudantes de cursos superiores sendo já, na maioria, homens, devem saber bem, e com certeza sabem, o respeito que devem a si, aos institutos que frequentam, e ao paiz que amanhã por ventura será por elles governado...

E por isso mesmo nos parece que o ministro de instrucção deveria ouvir as suas reclamações e deferil-as quando justas, ou procurar uma conciliação quando o deferimento não fosse possível.

São exigentes! Pois mostre-se-lhes que o são, mas não se insultem. Não ha necessidade de perder a linha e despir o casaco para derimir a contenda, como tambem o caso não era para o sr. presidente do ministerio pôr a questão de confiança. O sr. Affonso Costa é lente e director da faculdade de direito de Lisboa uma vez sahido das cadeiras do poder volta á sua cathedra: não quererá por certo que os seus alumnos o recebam com repugnancia.

Não é proprio d'um presidente de conselho empregar palavrões e muito menos quando esse presidente tem ainda a responsabilidade de educador...

Crêmos de absoluta justiça as pretensões academicas, principalmente pela maneira descomposta como o sr. presidente de conselho tratou o assumpto.

Berrar e insultar são os argumentos de quem outros não tem.

Attendam porem os estudantes que a muitos fará differença sensivel a perda do anno, e ainda que para sua propria honra não devem levar as reclamações alem do indispensavel. Devem tambem collocal-as por fórma que a transigencia d'uma ou d'outra parte não importe degradação.

Fazemos ardentes votos por que em breve esteja harmonisado o conflicto com honra e prestigio para lentes e estudantes.

Os barcos allemães surtos nos portos portuguezes:

A Opinião, jornal republicano-conservador (una mayonnaise nova que apparece agora no banquete republicano) intrevistou varias pessoas sobre a apropriação pelo Estado dos barcos allemães e austriacos surtos em portos portuguezes, e vae o sr. Antonio Macieira, que apodava o sr. Alexandre Braga de *craneo de silex*, sae-se com esta:

— Fala-se na utilização dos barcos allemães que estão no Tejo, pelo nosso governo... Parece a v. ex.^a que tal facto pôde alterar as nossas relações com a Alemanha?

Absolutamente em nada — responde o ex-ministro dos estrangeiros, com a maior decisão. Tudo quanto se tem dito a respeito da utilização dos barcos allemães deve estar muito longe da verdade. Todavia, creio que, se o governo utilisasse esses navios, a situação do paiz, sob o ponto de vista internacional, não ficaria alterada nem para melhor nem para peor. Tal acto seria, nos seus effeitos, igual a outros que já tem sido praticados.

— V. ex.^a é de opinião que tal acto não trará declaração de beligerancia?

— Não traz; não seremos mais beligerantes nem menos beligerantes...

Mas o sr. Rosen, ministro da Alemanha, amachuca logo o nobre Chico das Pegas, dizendo:

Não posso deixar de considerar essa medida como um acto de hostilidade ao meu paiz. Espero, comtudo que o governo portuguez reflita no passo grave que vae dar. E' tudo quanto lhe posso dizer sobre este assumpto.

Isto saltava aos olhos de qualquer formiga ou Leotte; mas o sr. Antonio Macieira ha de ser sempre o que o sr. Alexandre Braga lhe chamava em tempos, e agora lhe chama o seu proprio chefe que como arguente em dois concursos a que o sr. Macieira concorreu o chumbou retumbantemente!

O ultimatum

De um livro em preparação

Armenio Monteiro, tem em preparação um romance que tem seu começo nada longe de o *ultimatum* inglez.

E' parte d'esse capitulo que com sua auctorisação vamos transcrever, parecendo-nos prestar um bom serviço lembrando uma resposta historica e que serve para avaliar o que se fez agora, conforme se contava no artigo que aqui transcrevemos de *A Liberdade*, do Porto.

Isto agora é outra coisa, diz o sr. Camacho — e é, mas... mil vezes peor!

A onze de Janeiro de mil oitocentos e noveenta, sir George Petre, ministro da Grã-Bretanha junto da côrte portugueza, depunha nas mãos do senhor ministro dos negocios estrangeiros em nome do seu governo, e como remate ás penosas e demoradas negociações de que demos conta no capitulo anterior, um ultimatum que terminava pela seguinte e brutal afronta: «Mr. Petre ver-se-ha obrigado, á vista das minhas instrucções, a deixar immediatamente Lisboa com todos os membros da sua legação, se uma resposta satisfactoria á precedente intimação não fôr por elle recebida esta tarde; e o navio de Sua Magestade, *Enchantress*, está em Vigo esperando as suas ordens.»

Eis em que terminavam as velhas relações de amizade luso-britannicas, aquella velha e nunca assasmente cantada alliança de tantos annos, em que a boa da nossa estremosa alliança *sempre* fez o possivel por nos ser *util e agradável* — em tudo quanto não fosse contrario aos seus interesses e ambições, e quanto lhe não desse trabalho e encommo do...

Portugal, o velho Portugal das conquistas, «nos perigos e nas guerras esforçado» deveu, deve e deverá sempre áquelle paiz encantador, esta encantadora e util alliança...

A esta brutal e arrogante intimação que teria a responder um paiz pobre de juizo e de armamento, e com as finanças arruinadas? O que Portugal respondeu n'essa hora tragica e inserta para sua estabilidade como nação livre — que seria cumprida a vontade da poderosa potencia maritima, pedindo-se no entanto uma arbitragem... posterior...

E ao mesmo tempo lá eram expedidas as convenientes ordens para o governador de alemar, para que sem demora a missão portugueza Serpa Pinto e as tropas portuguezas abandonassem as plagas africanas do Chire, Makololos e Mashons, que a nossa cubicosa alliança, apesar de se tratar, como se vê, de terrenos em contestação e para conhecer dos destinos dos quaes a potencia colonial que os occupava pedia uma arbitragem, á falta de força material para as manter no seu dominio, como outr'ora lh'as havia entregue a aguerrida gente das suas caravanas maritimas que atravez de todo o orbe levaram, honraram e fizeram tremular acima de todas as outras, a bandeira branca das quinias!

No dia 12, os jornaes espalhando pelo paiz a noticia da famosa intimação, fazem rebentar do brazeiro extinto do nosso amor patrio uma faulha refulgente de dignidade, e então começam as manifestações na rua contra a «fiel-alliança», retumbando os gritos de «abaixo a alliança ingleza» e «morra a monarchia...»

Ora a monarchia, sejamos sinceros, nenhuma culpa tinha de que o leopardo britannico lhe assaltasse o redil e levasse algumas ovelhas! Fosse qual fosse a instituição politica porque o paiz se regesse, não poderia fazer outra coisa mais do que ella fez — e talvez nem tanto, porque as respostas, principalmente a verbal, foi brilhante, altiva e nobre, embora condescendente.

Podia a Inglaterra com a sua força brutal levar-nos todas as colonias, que nenhuma outra potencia na questão interviria, salvo se os seus interesses podessem, pelo facto, ser prejudicados; podia até, querendo, riscar-nos do mappa da Europa, isso seria recebido com a mesma indiferença. As potencias, as grandes potencias, as que podem com o numero da sua população e a metralha dos seus canhões fazer pezo na marcha dos acontecimentos, tem uma miopia extrema para as questões que particularmente as não interessam — no presente ou no futuro...

Supponha-se um concerto entre a Hespanha, a Inglaterra, a Allemanha, a Austria ou a Russia, a America ou o Japão, para cada um nos

roubar um bocado, entre elles préviamente demarcado, e nós deixaríamos de existir, seríamos riscados do mappamundi como nação «valente e immortal», ainda que podessemos alegar, como de facto podemos, que os nossos direitos á consideração de todos os povos são primaciaes, porque nós sômos os descobridores da maior parte da terra habitada pelo homem, e quem primeiro os poz em communicação, devassando os mares, os istmos e os estreitos!...

Tudo inutil — agora como sempre!

Tudo seria lamuria inutil para as outras potencias desde que outro «osso» lhes fosse atirado ou prometido...

Por ventura não tinha Marrocos o direito de vida independente? Pois a Hespanha e a França, allegando não sei que conveniencias sociaes lá andam, ha annos, fazendo o sacrificio — de roubar os marroquinos.

Mas vejamos a resposta de Barros Gomes, ministro dos estrangeiros ao receber o já citado documento:

«Cavalheiro! Na minha qualidade de simples membro d'um gabinete do meu paiz, vou immediatamente transmittir aos meus collegas a nota que Vossa Excellencia acaba de me entregar, em nome do governo de S. M. Britannica. Como cidadão portuguez, porem, ou mais singelamente ainda, como homem, permita-me Vossa Excellencia que desde já lhe communique a resposta que á referida nota vou propôr, litteralmente, ao ministerio, ao Conselho d'Estado, ao parlamento e aos meus concidadãos:

E' tambem um *ultimatum*, que Vossa Excellencia terá a condescendencia de ouvir da minha bôcca, e a amabilidade de archivar nos proprios termos:

Statu quo, sem abandono d'uma polgada do terreno actualmente occupado por forças e auctoridades portuguezas, e cumprimento immediato do artigo decimo segundo do Acto final da Conferencia de Berlim.

A suspensão das relações diplomaticas, lamento-a sinceramente por Vossa Excellencia e pela nação que Vossa Excellencia representa; mas devo, com franqueza, declarar que nós, portuguezes, não julgamos de necessidade absoluta a troca de cumprimentos e de venias com o primeiro bandido que nos toma o passo n'uma estrada, exigindo-nos a bolsa ou a vida.

Quanto ás ameaças que abarrotam as entrelinhas do papel que Vossa Excellencia acaba de confiar-me, corre-me o desagradavel dever de o prevenir de que a vida e a propriedade dos subditos inglezes, residentes em Portugal e seus dominios, responderão pela propriedade e a vida dos cidadãos portuguezes que o ataque das esquadras da Grã-Bretanha cobardemente sacrifique. Cabe-me mais a obrigação de o avisar de que vão ser expedidas ordens terminantes para que nenhum subdito de Sua Magestade Graciosa, excepção feita de Vossa Excellencia e de todo o pessoal diplomatico e consular da Inglaterra, possa livremente sahir, d'esta data em deante, de territorio portuguez; de que no mesmo impedimento serão comprehendidos os navios que arvoram o *immaculado* pavilhão da patria de Vossa Excellencia, Mr. Petre; e de que todas as medidas de segurança publica serão postas immediatamente em execução. Vossa Excellencia relevar-me-ha que não me demore mais n'este capitulo; mas pôde Vossa Excellencia estar certo de que ameaças é mais facil fazel-as que cumpril-as.

Finalmente — e consigno aqui a advertencia para o caso, aliás inverosimil, de Vossa Excellencia pretender embarçar a nossa legitima defeza com noticias inoportunas, e porventura innocentemente phantasistas — fica Vossa Excellencia sciente de que as estações dos telegraphos submarinos vão ser occupadas por destacamentos militares, e o seu pessoal inglez substituido por empregados portuguezes, e de que, attenta a urgencia reclamada pela Inglaterra na liquidación d'este negocio, Vossa Excellencia vae ter o encommo de se dirigir por terra a Vigo, ao encontro do *Enchantress*.

O que dirão amanhã, de nós e dos senhores, a Europa e o mundo culto, Mr. Petre? Penso que mais cumprimentos são agora um tanto deslocados, não é assim? Ah, perdão! Ia-me esquecendo informar Vossa Excellencia de que vou pôr á sua disposição desde este instante, para o garantirem contra algum desacato, nada provavel mas possivel, da multidão exasperada, um commissario e dois chefes de policia, que o

acompanharão até á fronteira da Galiza. Humilde servidor de Vossa Excellencia!»

O inglez habituado desde muito á expressivamente mentirosa linguagem diplomatica, sorria para dentro da..., da, por elle chamada, falta de convivio do ministro portuguez...

Recebeu sem pestanejar e sem a mais pequena contracção muscular a objurgatoria de Barros Gomes.

Cortejou o ministro e sabiu como entrára...

E' ou não isto agora outra coisa?
Sem duvida, sem duvida...

Das bandeiras da revolução ao retrato do Presidente

NOS ARMAZENS GRANDELLA

Do catalogo:

Um resto de BANDEIRAS DA REVOLUÇÃO
As bandeiras historicas que foram arvoradas logo após a proclamação da Republica. Preço 40

Vem no ultimo catalogo da *Casa Grandella* — em cujos pregos só ha réis e não entraram ainda os centavos — este curioso annuncio do resto das bandeiras historicas da republica... a pataco! Está entre os riscados e os cotins!

Publicamol-o gratuitamente.

Como a *mercadoria* tem descido... em menos de seis annos! E que fim tem essas bandeiras historicas arvoradas nos dias gloriosos de outubro de 1910! Vendidos os sagrados symbolos a pataco aos freguezes da *Casa Grandella*!

Sic transit gloria mundi!

Mas o que o nosso collega *O Dia*, donde transcrevemos, não sabe, é este caso typico, que mais prova ainda como a *mercadoria* tem descido. E não se trata de sagrados symbolos, mas de sagrados idolos...

Por occasião da viagem presidencial ao Porto, uma casa editora d'aqui imprimiu, e para lá enviou, afim de serem vendidos nas ruas á população *delirante e enthusiastica*, TRES MIL RETRATOS a côres do *popularissimo e cordealissimo* chefe de Estado. Os retratos, diga-se, eram muito bem feitos, pelo lado artistico, grandes, ahi com tres palmos de comprimento, espaventosos. Pois não se venderam mais de 50! Isto é verdade, garantimos que é verdade.

Ha tempos vendeu-se alli no Rocio o sr. *Afonso Costa* a 10 réis, para acabar...

Outro dia no Porto, a cidade do 31 de janeiro, não se venderam mais que 50 retratos do Presidente...

Agora é a *Casa Grandella* a vender os sagrados symbolos da revolução a 40 réis!

E' a republica em liquidación...

A quadrilha

Vão federar-se, e para isso tem havido já varias reuniões, os varios grupos formigaes. Isto quer dizer que a quadrilha se unifica para conjugar os esforços.

E' necessario que os cidadãos passem a ter em casa, pelo menos — uma metralhadora!

— Foi, sem discussão, como já dissemos, reconhecido pelo parlamento como revolucionario civil, o formiga, o celebre formiga da comedia da Praia das Maças, Alberto Correia.

E' mais um!

Este moderno curso dá direito a ser desde ministro de estado a varredor das ruas, desde socio da Academia das Sciencias a companheiro da Micas dos caracoes...

E' consoante o tempo e as necessidades...

Cuidado!

Almanack Monarchico para 1916

Preço 100 réis

À VENDA EM

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41

Subsistencias

Affirma o deputado sr. dr. Antonio Portugal:

“O Governo consente na sahida semanal de 70 bois, para Gibraltar. Os hespanhoes le-
vam de Portugal rebanhos completos de gado lanigero, porcos e do mais que apparece.,,
Em Lisboa ha quasi um mês não ha carne de vacca.

O deputado sr. A. Antas, affirma:

Em Mossamedes aprodceram nas ruas 80.000 kilogrammas só de milho, e além d'isso
farinhas e outros generos, idos da metropole para as tropas em operações.

No Porto havia em 12 do corrente, segundo um inquerito feito pelo governador civil:

2.586.270 klg. de bacalhau

1.043.500 klg. de arroz

1.480.215 klg. de assucar

guardado em depositos particulares, e 6.825 saccas de arroz na alfandega e caes.

Ha dias vimos na Rua dos Bacalhoeiros uma carroça carregada com saccas de assucar
que levavam por fóra o distico arroz...

E não hade o povo revoltar-se vendo que os governos lhe não dão a protecção que
deviam!

≡ Lá por fóra ≡

Echos da Guerra — Diversos

Sobre a evacuação de Gallipoli.

Testemunho presencial

O que o tenente Mitrani suppunha, sempre se realizou. Ainda não decorrerá uma hora que o Quartel General descansava, quando este official turco veio a galope até á porta da minha tenda:

— Senhor, levante-se, os inglezes abandonam o campo!

Nunca me levantei tão depressa. Em menos de cinco minutos tinha até o chapéu na cabeça; mas faltavam-me as botas, que Mustafá havia levado: e Mustafá não vinha, apesar de em alta voz o chamar, escandalizando os habitantes da aldeia improvisada. Por fim appareceu Mustafá com as botas, que havia decidido trazer sem limpar. Sahi correndo e tive a fortuna de encontrar o commandante Griepel, que se dispunha a marchar em automovel para o grupo Sul. Que sorte de correspondente a minha! Achar-me em Gallipoli n'esta memoravel noite, e ser o unico jornalista que viu os inglezes abandonarem o theatro da guerra. Nenhum jornalista havia commigo no Quartel general turco, e isto devo-o apenas á embaixada da Allemanha em Constantinopla, que me abriu todas as portas.

Repito, a minha sorte foi grande, porque o commandante Griepel me offereceu um logar no seu automovel, em que iam mais cinco officiaes... Quizeramos ter azas para chegar mais depressa; e o *chauffeur*, adivinhando o nosso desejo, abriu todo o registo de gaz do motor. A medida que avançavamos o canhoneio que do Quartel General se ouvia como uma tempestade longinqua, cada vez mais crescia. O bombardeio da tarde anterior, comparado com o de então, não era mais que um ensaio. A's duas da madrugada abandonámos o automovel a um kilometro das posições turcas. O official turco que nos recebeu, guiou-nos para uma cova aberta na collina, onde estava installado o telephone do Estado-maior. Alli soubemos as primeiras noticias: ás onze da noite, os postos de observação avançados dos turcos avisaram de que os inglezes desalojavam as trincheiras de segunda e terceira linha, e que só ficavam occupadas as de primeira. Todas as baterias da Asia e as de campanha abriram um fogo formidavel sobre a praia, para evitar o embarque dos inglezes. Os canhões da esquadra, que até então haviam permanecido mudos, lançaram milhares de granadas para evitar que a infantaria ottomana per-

seguisse as tropas que retiravam. N'estas condições, segundo a opinião dos officiaes turcos, o ataque de perseguição era impossivel. Só havia que esperar, pois, que as tropas inimigas evacuassem o territorio que occupavam.

Sahimos do telephone para irmos a um posto de observação n'uma altura. D'alli se poderia vêr o effeito da artilharia turca sobre os regimentos que embarcavam e as descargas dos canhões dos couraçados. Então subimos quasi de gatas, porque na obscuridade da noite não era facil, e recordámos que, pela tarde, o official turco a quem perguntámos se os inglezes não estariam preparando a sua retirada, nos respondeu muito serio:

—Jok, jok... (Não, não).

Quando chegámos á altura, o espectáculo que vimos foi grandioso. Lá longe, na obscuridade profunda do mar, havia um jogo de fogos gigantesco. Viam-se as chammas dos canhões, como linguas vibrantes de serpentes fabulosas. Quantos eram? Não poderíamos contal-os. Surgiam ás dezenas, mais longe ou mais perto, e, a todo o momento, o espelho do mar, reflectia um fogacho de um roxo-azulino. E logo o estampido de mil granadas a um tempo. A guerra é terrivel, barbara; mas é muito bella, é momento tão bello, que n'essa noite de Gallipoli vivi dez annos de uma emoção que jamais senti. A nossos pés, a 200 metros de profundidade, estalavam as granadas turcas e viam-se as massas de terra e de fumo, negras, levantar-se e até formar um bosque de arvores estranhas. Era tal o estrondo, que para os officiaes fallarem entre si era preciso berrarem, como se estivessem a grande distancia. Viamos como os fogachos de um canhão de 38 de um couraçado desenhava, nos seus clarões, os contornos de outro vaso de guerra que estava ao lado, distinguindo nitidamente os mastros, as cordagens, as torres blindadas... Ao concerto formidavel das boccas de fogo uniram-se as metralhadoras e a fuzilaria, seccos, vibrantes, estridentes, agudos. Os reflectores turcos varriam o horisonte, pondo estradas de luz prateada no mar. A's vezes descobriam uma barca cheia de homens que se afastava, e n'um instante sobre ella cahia uma granada, levantando uma tromba d'agua, que a enguliu. Quantas vidas se afogavam n'um d'aquelles segundos? Tinhamos a sensação dos mil esturtores nas trevas da noite, dos soldados cujos olhos vitreos para sempre ficavam fixos no céu: e pelo nosso corpo corria um suor frio, emquanto que os nossos nervos vibravam como as cordas de um violino. Jamais como n'aquella noite

vimos a morte em figura de monstro, devorando homens com a sua bocca ensanguentada...

Avisam-nos de que podiamos avançar até ás posições inglezas abandonadas. Baixamos á collina, e atravessamos um valle suave onde a confusão de homens era indescritivel. Passavam os feridos em macas, aos hombros dos seus companheiros. Certo que não ficou alli uma moita de erva que não se regara com sangue. Quando a luz do sol allumiasse ver-se-hia como que um ribeiro de sangue... Sahimos por uma trincheira para o que horas antes era espaço entre as duas posições adversarias. As defezas, com pontas, haviam sido destruidas pelos canhões e pelo assalto das tropas turcas; mas ainda restavam algumas estacas cravadas, repletas de urume emaranhado, que rasgava as roupas. No emaranhado, havia cadavers ainda quentes; corpos que talvez ainda não deixassem de viver... Tropecei com um, que lançou um queixume... vi outro torcer-se n'um estertor final... E, á medida que avançavamos, mais mortos, mais feridos que gritavam, que se convulsionavam...

Quando saltámos na trincheira ingleza, encontrámos-a bloqueada: duas explosões de granada haviam-na obstruido em duas partes, e foi preciso saltar um d'estes obstaculos para continuar a marcha. Debaixo da terra fresca havia corpos de soldados inglezes e assomavam pernas e braços. Um official allemão dizia-me:

—Não é muito agradável esta excursão: está v. arrependido de ter vindo, não é verdade?

—Não, de maneira alguma, respondi.

O caminho pelo fosso foi o que é impossivel descrever. A cada passo, dois soldados turcos que nos precediam iam lançando terra sobre os cadaveres ainda quentes, para que pudessemos passar. Os corpos, assim cobertos, formavam uma especie de montanha russa no fundo do fosso.

Isto succedeu na primeira linha; as outras encontrámos-as intactas, sem um morto, sem signaes de lucta. Compreendia-se que os seus occupantes, as haviam abandonado antes que os turcos o percebessem. Nos abrigos dos soldados inglezes encontrámos a palha ainda quente do calor dos corpos que haviam descansado sobre ella; ainda luziam umas lamparinas de azeite, n'outros e nas estancias dos officiaes havia chavenas e bules com chá que haviam bebido um pouco antes. Estes inglezes são sempre os mesmos: fleugmaticos, impassiveis, tomando tranquillamente o chá antes de abandonarem Gallipoli... Encontrámos tambem um livro aberto ao lado de uma vela quasi acabada: um livro de Wels.

Não era possivel avançar mais; as baterias turcas continuavam vomitando fogo com ruído e os canhões inimigos juncavam de metralha o que horas antes eram posições inglezas. Mui proximo de nós rebentou uma granada de grosso calibre, e eu senti como se me apertassem a cabeça em uma prensa. Foi preciso refugiarmo-nos n'um dos abrigos abandonados pelos

ingleses, onde passámos tres horas escutando o terrivel concerto dos canhões, até que a luz pallida, cadaverica, de um dia de chuva poz um sudario sobre estas terras cheias de sangue.

Gallipoli (Quartel General), Dezembro de 1915.

Antonio Azpeitua.

(Do A B C).

Amor... com amor se paga!

A resolução dos aliados de estreitar o bloqueio até... entrar o commercio dos neutros, respondeu a Alemanha com uma nota em que annuncia o recomeço da campanha submarina.

A Inglaterra que sabe de motivo certo, o que isso vale, immediatamente começou a tomar providencias. O ministerio do Commercio prohibiu a sahida de portos ingleses de quaesquer barcos sem licença prévia.

E d'esta permutta amorosa sáe o augmento brutal dos fretes e dos seguros, fretes e seguros já dobrados umas poucas de vezes.

No Caucaso

Os russos tomaram a cidade de Erzum aos turcos, que préviamente inutilizaram os fortes.

Perdas marítimas

No dia 16—mettido a pique em aguas inglesas: *Tergesteia*. Salvou-se a tripulação. No Atlantico, áquem de Gibraltar *Kenkonniaru n.º II*. Salvou-se a tripulação.

Destruídos pelo fogo em Brooklyn: *Boston, Castle e Pacific*, e mais vinte barcos a vapor de pouca tonellagem que estavam á carga.

Ephemerides da guerra

1915 = Fevereiro

Dia 16.—O Kaiser, á frente das suas tropas, anniquila o 10.º corpo do exercito russo.

Dia 17.—As cidades de Plosk, Byelske Lyck, são occupadas pelos allemães.—Mr. Churchill reconhece que a Inglaterra tem já perdidos 63 barcos.

Dia 18.—Continua a perseguição dos russos pelos allemães.

Dia 19.—Occupação de Czernowitch pelos austro-allemães.—Os allemães encontram-se á vista de Varsavia.

Dia 20.—Os russos abandonam as suas posições do rio Kolno.—Estão cada vez mais tensas as relações entre servios e bulgaros, a proposito da questão da Macedonia.—Nos Dardanellos são avariados tres couraçados franco-ingleses pelas baterias turcas.

Dia 21.—Os allemães conquistam varias posições e aldeias nos Vosges.—Recebem-se noticias que o *Karlruhe* metheu a pique outros cinco barcos ingleses.—A esquadra anglo-franceza retira-se dos Dardanellos.

Dia 22.—Quarenta mil russos ficam prisioneiros, a Nordeste de Grodno.—Os russos soffrem outra grande derrota na Galitzia.

Monarchicos da Estrella

O pharmaceutico estabelecido na Rua dos Navegantes, esquina da Travessa do Combro, quando ha dias alli entrou alguem com uma carta perguntando onde morava a Ex.^{ma} Sr.^a D. Constança Telles da Gama, respondeu:—«Nós não sabemos onde móra essa conspiradora. Olhe vá procurar o Paiva Couceiro, talvez elle lhe saiba dizer».

Recommendamos aos monarchicos da Estrella o estabelecimento d'este cavalleiro.

Correspondentes

Pedimos aos nossos presados correspondentes que tenham o maximo cuidado com a franquia das cartas que nos remettam. O correio com um cartucho pelas bens do Estado não muito nos seus habitos... é muita que te parto!...

E nós vamos a passar—a não pagar nem uma!



Soirée elegante

MAFRA, 18.—Na Quinta das Barras—solar da nobre e velha familia Barros e Vasconcellos,—realizou-se a passada segunda-feira 14, uma elegante soirée dansante promovida pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Dorothea de Barros e Vasconcellos gentilissima filha do noso querido amigo e presado correligionario Sr. Hemiterio de Barros e Vasconcellos.

Lembramo-nos de vêr entre a assistencia alem das Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Maria da Luz e Anna de Barros e Vasconcellos donas do velho solar, as Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Sophia de Barros e Vasconcellos, D. Dorothea de Barros e Vasconcellos, D. Maria da Gloria Figueiredo, D. Carlota de Barros e Vasconcellos, D. Maria da Nazareth de Barros e Vasconcellos, D. Maria da Luz de Barros e Vasconcellos, D. Olympia de Barros e Vasconcellos, D. Salvação de Barros e Vasconcellos, e os Srs. Eduardo de Barros e Vasconcellos, José Maria d'Almeida, Domingos Alcantara, Francisco Leite, Antonio Sebastião de Marques Valente, nossos presados correligionarios, e Mario Medeiros, Francisco Resina, Arnaldo Resina e José Mucharreira, nossos particulares amigos.

Tão elegante festa decorreu admiravelmente, dansando-se imenso e brincando-se já animadamente o Carnaval, só terminando depois das 5 horas da manhã, hora a que para Mafra retiraram os convidados d'aquí idos.

Consta-nos que promovida pela mesma Ex.^{ma} Sr.^a, se realizará brevemente na referida Quinta uma nova soirée, para a qual já se acham convidados não só os assistentes da soirée de segunda-feira, mas tambem algumas das mais gentis e formosas damas da elite monarchica Mafrense.

Oxalá que tal reunião se realice e decorra tão agradavelmente como a ultima. São esses os nossos maiores desejos.

Lembrando-nos da falta de espaço com que «A Monarchia» lucta, terminamos este modesto relacto de tão bella soirée, felicitando a Ex.^{ma} Sr.^a D. Dorothea de Barros e Vasconcellos pela sua iniciativa, e incitando-a a que não desanime na realização de tão elegantes soirées.

Escusado será accrescentar, que todos os convivas se achavam admiravelmente impressionados não só pela maneira como tudo decorreu, mas tambem pelo fidalgo acolhimento que lhes foi feito.

Antonio de Camarate.

Homem Christo, Filho

Encontra-se em Lisboa este nosso querido amigo e illustre jornalista, devotado e intrépido paladino da Causa Monarchica.

Lisboa na Amadora!

Vae fazer-se o deposito central de fardamento na Amadora.

Pretende fazer-se na Amadora a escola de applicação de administração militar.

O sr. Thomaz da Fonseca, pretende que seja na Amadora o edificio novo para as escolas normaes de Lisboa...

Lisboa põe escriptos! São unicos, verdadeiramente unicos, estes nossos governantes.

Lisboa na Amadora! Só elles!...

MARTINS GRILLO

Medico-Especialista

Doenças e hygiene da PELLE

Syphilis, vias urinarias e clinica geral

TRATAMENTO ESPECIAL DAS PURGAÇÕES

Consultas diarias das 2 ás 6 da tarde

Rua do Ouro, 292, 2.º, D.º — Telephone 3835

Residencia: Avenida Praia da Victoria, 42, r/c.

Livros, revistas e jornaes

Liga Naval Portugueza

Editado por esta benemerita aggremação, acaba de apparecer no Porto, com o titulo de *Palestras Sociaes*, um volume de 368 paginas, de que é auctor o illustre official da Armada, hoje reformado, sr. A. Pereira de Mattos, da Academia das Sciencias de Lisboa.

N'este volume estão comprehendidas, com largos desenvolvimentos, as palestras sociaes que, na imprensa diaria, vieram a publico, e outras que não chegaram a ser publicadas, constituindo o todo um estudo completo, conscienciosamente feito, sobre a legislação dos principaes paizes, e das reformas sociaes n'elles postas em vigor.

Abre o livro por uma introdução — sobre a influencia dos progressos das idéas na evolução social contemporanea, — e fecha com uma interessante conclusão — sobre a importancia das reformas sociaes, na solução da crise que vamos atravessando, constituindo, d'este modo, um trabalho de flagrante actualidade, que encara de frente os mais graves e complexos problemas da Nação.

A edição, que é primorosa, contem varias illustrações, para dar uma indicação exacta da forma por que foi resolvido o problema das habitações operarias na Inglaterra. Vende-se, contudo, como publicação de propaganda a 800 réis cada volume.

O livro é dedicado, pelo auctor, ao proletariado portuguez, em testemunho de estreita solidariedade, no esforço que ha de produzir o melhoramento das suas condições economicas e sociaes.

Com o brilhante relatório sobre a constituição da Liga Nacional, para continuar os trabalhos do Grande Congresso Nacional de 1910, a mais bella iniciativa da Liga Naval, é esse o segundo livro, que, no curto praso de dois mezes, traz a publico o Conselho Geral d'esta prestigiosa aggremação. E como se trata de trabalhos de ponderada reflexão, inspirados no patriótico intuito de contribuir eficazmente para a solução da crise que vamos atravessando, constituem elles a mais positiva affirmação de que a Liga Naval continua a sustentar brilhantemente a tradição do seu passado, que lhe deu um logar de especial relevo, entre as associações congeneres da Europa e da America.

Entende o Conselho Geral, de que fazem parte as primeiras competências do paiz, nos assumptos relativos á marinha mercante e á organização militar naval, que em face das circunstancias determinadas pelo conflicto europeu, tem de restringir-se a acção da Liga, no campo historico, á revivescencia da nossa tradição maritima, e no campo pratico, á consolidação dos fundamentos sobre que tem de assentar a restauração do nosso poder maritimo, a qual, feita a paz, tem de seguir as novas modalidades, por ella determinadas, do equilibrio mundial. E n'esta orientação, vae trabalhando, no seguimento das normas fixadas no problema naval portuguez, o livro em que ella definiu, como nenhuma das Ligas Navaes do globo até hoje o fez, as suas intimas e multiplicas relações com a politica interna e externa da Nação.

Todos os louvores são, pois, devidos á patriótica instituição, que, sem subsidio algum do Estado, vivendo apenas das quotas dos seus associados, continua, como sempre, a servir com a maior dedicação á causa nacional.

Recebemos a visita do *Correio d'Aveiro*, jornal independente.

— Recebemos tambem *O Regionalista*.
Agradecemos.

Coimbra

E' nosso representante em Coimbra o sr. José Brandão Pereira de Mello, morador em Cellas, velho soldado da Causa Monarchica, que por ella se exilou e batalhou, soffrendo ainda os rigores dos odios republicanos.

COIMBRA EM FRALDA

por

Armenio Monteiro

PEDIDOS A A POLYCOMMERCIAL

R. d'Alcantara, 41—LISBOA



Esta historia dos vivas presidenciaes faz-nos lembrar o caso d'um ébrio que sentado à beira d'un trottoir e encostado a um candieiro de illuminação, estava monologando e de vez em quando tirando o chapéu...

O guarda de segurança publica — uma lèria de nome porque é conhecida certa gente, que da segurança só procura a própria e nem sempre a apanha! — abeirou-se d'elle e perguntou-lhe:

— Que está você ahí a fazer?

— Eu? Nada!

— Levante-se! Vá-se embora!

— N'essa não cáio eu! Essa é muito boa!

Já passou a casa do meu compadre Carrico, você não m'o viu cumprimentar? Pois ia à janella...

Tá qui tá ahí a minha!... E então vou, isso vou!...

— Você tem muito vinho, é que tem...

Vá! Alla d'aqui para fóra!

E o ébrio sem responder, tira o chapéu e começa a gritar: Viva! Viva! Viva!...

... Um raio a parta! então ella foi-se? O seu guarda p'ra que raio serve você que a não segurou?

— Não segurei quem?

— A minha casa que passou ahí e raspou-se!...

E o caso de Sua Ex.^a: bem lhe dá vivas onde quer que chega e apanha duas pessoas a geito, mas apesar d'isso ella vae-se e Sua Ex.^a fica numero um... p'ra val-la commum do esquecimento.

*

Fallou ha dias nas Camaras o sr. Estebão e o sr. Faustino. Foi um acontecimento! A Camara encheu-se... de moscas.

O neo-Pacheco, da tragedia Coimbra, fallou... sobre instrução, e disse:

Temos uma atmospherá reaccionaria, hostil á Republica, os livros são uma vergonha e quasi que melhor seria acabar com o ensino superior.

Falla que nem um oraculo... de Napoleão! Isto é que é um talento!... O ensino superior, é, proclama-o s. ex.^a, uma vergonha... Ocorreria perguntar o que sabe d'isso o neo-Pacheco, mas não: S. ex.^a foi sargento revolucionario e como tal tem o maior curso hoje pedido para empregos publicos...

E um senador é tão empregado publico como um lente, e este como um varredor...

Tudo fraternal, igual e... harmonico!

*

O jornalismo... grande corrente dirigente!...

E' vêr como n'esta questão do papel ella andou sempre unidinha e harmonica...

O Seculo é o Diario de Noticias, cá da Lisboa, ficaram logo de fóra na questão do preço, como jornaes populares... O Mundo foi-lhes nas aguas. O Paiz não foi até ao fim do accordo e ficou-se a dez reis!... depois appareceu A Ordem, a dez reis, e agora A Opinião a dez reis!...

Santa harmonia!

São talqualmente a egualdade, fraternidade e mais palavrões republicueiros!

Opinião dirigente... a do sapateiro de Braga e mais a da formiga... Ou comem todos ou... vae outro 14 de Maio!

Mac.

Memorandum

Meu caro notario penamacorense:

Serviste na monarchia como politico e como funcionario; serviste na republica em egualdade de circunstancias, e, hoje, desilludido recolheste á vida privada de cidadão amante de sua familia, e ao remanso do teu cartorio de aldeia.

Porquê? Porque a politica te maltratou e a tua dignidade te mandou correl-a. Bem estamos: mas a politica que te maltratou não foi a politica monarchica porque esta a serviste com zelo e intelligencia até morrer a instituição politica, que para honra e lustre da historia, ha-de resuscitar da campa, como a Phenix resuscitou das proprias cinzas... Ergo a má politica, a politica que não quizesse seguir, foi a turtuosa politica republicana, tão vesga e torta na capital como no mais obscuro rincão da beira...

De boa fé, porque te fizeram crer a republica um regime de moralidade, tu seguiste dando ao teu paiz, debaixo da nova bandeira, o esforço do teu saber e boa-vontade.

Se tivesses recordado o que escreveu Montesquieu, terias fugido á tentação, porque conhecendo, mesmo só que fosse atravez dos jornaes politicos, os homens que appareciam no primeiro plano do regime, logo verias que elle era... um regime condemnado...

Reconhecer que errámos é demonstrar a linha moral do nosso viver; mas reconhecer o erro e remedial-o é mais nobre e levantado!

Volta, pois, á actividade politica pela Patria e pelo Rei!

Volta a acolherte á sombra da nossa linda bandeira azul e branca, tão linda e tão bella que até os republicanos para alguma coisa conseguirem nas longinquas paragens africanas, precisam ical-a, ao som das continencias da ordenança, no mastro das fortalezas e leva-a para os campos de batalha!...

Volta para nós: é tempo de accordar— a Patria periga! A nacionalidade pôde subverter-se nas mãos d'estes chacaes!

Vem para nós e que Deus abençoe o teu gesto!

São bemvidos todos quantos a convicção traz dispostos a sofrer e a chorar, a sorrir e cantar o hymno bemdito da victoria no sacrosanto altar da Patria.

Vem!

Mac.

Dos nossos correspondentes

PORTO, 19. — A conferencia de que fallei na minha ultima chronica e que o Dr. Alfredo de Magalhães realisou no Salão Nobre do Atheneu Commercial, d'esta cidade, esteve, como disse, bastante concorrida.

Eram, approximadamente, 9 horas, quando o sr. Antonio Alves Calem Junior assumiu a presidencia, secretariado pelos srs. Julio Malheiro e dr. Antonio Cortez, respectivamente presidente, vice-presidente e 1.º secretario da direcção do Atheneu. Ao lado da mesa encontravam-se os membros da direcção.

Então o sr. Calem Junior disse que era dispensavel a apresentação do dr. Alfredo de Magalhães, pois era pessoa muito conhecida, respeitavel e estimada.

Apóz estas palavras o conferente levantou-se para dar inicio á sua tão esperada conferencia, sendo acolhido com uma calorosa salva de palmas.

Saudou no illustre presidente, o Atheneu, que elogia bastante e dirigindo palavras de homenagem á assistencia.

Entra, então, no assumpto da conferencia — Portugal e a guerra — affirmando que nunca houve para o paiz situação internacional tão delicada e grave, como esta. Descreve, muito ao de leve, a guerra europeia no ponto de vista das causas geraes proximas e remotas, estando convicto de que ainda hoje não é possivel reconstituir os motivos complexos do grande conflicto. Analysa, então, a situação criada a nossa nacionalidade, sem nenhuma especie de *parti-pris*; declarando que não é partidario de nenhum dos belligerantes: é só portuguez e desejava que puzessemos de parte todas as razões emotivas para considerarmos a frijo, com serenidade, o papel que os acontecimentos nos fallharam.

Exulta a prodigiosa organização do exercito allemão e ainda mais o espectáculo de unidade nacional, procedente d'um consciente ideal colectivo, que nós não temos. Comparando a nossa unidade nacional, diz: «onde estão tres portuguezes, estão tres divergencias».

(Bem lamentavel na verdade).

Não sabe, nem quer discutir, dada a delicadeza do assumpto, o que se pensa e se faz nas espheras officiaes relativamente á nossa participação na guerra, sendo sua opinião que não poderemos dar aos alliados outro concurso alem do que estão recebendo de nós, que não somos considerados nem belligerantes nem neutros, o que por si constitue um equívoco muito de lamentar.

Depois de desenvolver as relações que nos prendem á Inglaterra, á França, e á Alemanha, depois do seculo XIV, analysa as presumiveis consequencias colonias da guerra, fazendo especial referencia ao decreto da porta aberta para Angola, que foi feito durante o interregno parlamentar, e o convenio com a União Sul Africana que terminará no dia 1 de Abril de 1919 lamentado o espirito de imprevidencia da nação e dos governos habituaes e interessarem-se apenas pelo presente e desinteressando-se do mais importante, que é o futuro.

Occupando-se ainda da nossa participação na guerra, analysa a desorganização e indisciplina do nosso exercito e da armada. Mostra então o nosso material de guerra, dizendo que temos «um museu» (risos sarcasticos nos rostos democraticos).

Analysa tambem a incapacidade dos governos e termina disertando sobre as nossas colonias, que tão mal vistas estão pela Inglaterra, por estarem em nosso poder. Não duvida, o orador, que depois d'esta guerra essas colonias venham a servir de indemnisação aos paizes vencedores.

A. P.

CARCAVELLOS, 16. — Antes de relatarmos o que prometemos sobre o caso de individuos que hontem receberam da Monarchia os mais gratos favores e hoje emparceiram com os seus peiores inimigos (onde ha muita lama a revolver) impõe-nos a nossa consciencia apontar um nome dos que tem sabido cumprir com o Dever mantendo-se sempre um Leal Monarchico. Esse homem chama-se João Gaspar. A Republica em 5 de Outubro de 1910 esbulhou-o do seu logar de secretario da administração de Cascaes, onde elle soube honrar o seu nome, e até de Provedor da Misericordia, onde João Gaspar tem feito a seu favor a mais carinhosa propaganda obtendo consideraveis donativos, apesar das investidas malignas dos que pretenderam levantar alevoias contra o seu impoluto nome, donde só devia sahir consideração pelos seus serviços inmerecidos em volta das suas boas intenções. Porém, João Gaspar não arrefece os seus entusiasmos pela Obra da Misericordia que lhe quer tanto como a uma filha dilecta e tanto assim que os irmãos d'essa instituição n'um louvavel intuito o elegem novamente Provedor por uma quasi unanimidade de votos. Os pobres tem n'elle um desvellado protector. Como monarchico os seus serviços fallam bem alto. A seguir á implantação *ad'isto que ahí está* afastou-se para o socego do seu lar, e hoje pode-se dizer sem receio de errar — taes foram as desilusões — tem a consideração e respeito de todos que o conhecem pela honradez do seu character. E curvando-me ante a sua pessoa aqui lhe rendo homenagem, embora modesta e sem valor, n'estas apressadas e debeis linhas onde eu desejaria possuir dotes para apreciar as imperciveis characteristics que exalçam o seu coração e a firmeza do seu honrado proceder. Que João Gaspar me desculpe, porque sei quanto o vou ferir na sua modestia, mas agora que se pretende fazer uma justa selecção no Campo Monarchico ocioso é que o seu nome seja apontado como um exemplo de dedicação e fé monarchica.

M. A. Oliveira.

GUIMARÃES, 20. — Ao dar inicio ás minhas correspondencias para o novo campeão da causa monarchica, cumpre-me primeiro saudar o vi-

goroso e intemerato jornalista Astrigildo Chaves, que é uma das glorias do jornalismo portuguez.

Agora chegou a vez de saudar o bom povo Vimarense que é por indole trabalhador e honrado, ao qual prometo defendel-o das *aves d'arrabação*, que de vez em quando lhe perturbam o cerebro de falsas doutrinas baseadas em principios erroneos.

—Esteve aqui de visita aos seus companheiros na prisão, o ex-tenente Costa Pinto, que é uma das figuras em relevo na causa monarchica. A formiga, assim que teve conhecimento que elle se encontrava entre nós, mobilisou toda a sua actividade, destacando-a por diferentes pontos da cidade. Pensavam talvez que elle vinha a Guimarães restaurar a Monarchia.

O medo, o susto, que d'elles se apoderou, é tão grande que a presença d'um só homem os aterra. Ah! Temem a revendicta;— que elles proprios sabem não vir longe.

—Os muitos admiradores que em Guimarães conta o grande estadista João Franco, enviaram-lhe um telegramma de felicitações pelo seu anniversario natalicio. Nunca um homem deixou tão vincado o seu nome na memoria d'um povo como João Franco. E' que os Vimarenses nunca esquecem os beneficios que elle prestou a esta cidade.

—Está entre nós, o nosso amigo e correligionario, sr. João de Faria Azevedo de Fafe.

Corresp.

LAMÊGO, 19.—Fallaremos sempre e bem alto para que nos ouçam! Jamais nos callaremos, enquanto tivermos força para fallar e uma pena para escrever!

Sabemos perfeitamente que lhes custa ouvir as verdades, mas quem não quer ser lobo não lhe veste a pelle.

Repelimos que nos não calaremos; nem nos farão callar as ameaças e portanto podem pol-as de parte porque como veem, não produziram nem produzirão effeito.

Vem isto a proposito de alguns amigos nos avisarem de que o *Anjinho da Guarda*, (que nome tão bonito!) deseja saber quem é o *Ignotus* que de Lamêgo escreve para «A Monarchia», dizendo que lhe quer dar *um aperto de mão*.

Não nos assustam, nem como dissemos nos fazem callar as ameaças d'este *amigo*, cujas *fazanhas* são já muito conhecidas n'esta cidade e por isso nos abstemos de as narrar; fazendo-o, todavia, se a isso nos levarem.

E por agora nada mais diremos a este respeito, para que não pareça que ligamos muita importancia a um individuo que a não tem.

—Tem sido muito procurado o n.º 6 de «A

Monarchia», por causa da transcripção que faz de parte do livro do general Pimenta de Castro.

—Falleceu no dia 8 o coronel Joaquim José da Costa Junior. O enterro foi religioso. A toda a familia os nossos pezames.

Ignotus.

AGUEDA, TROFA 16.—*Ex.º Sr. Director*.—Permita que o mais obscuro soldado da causa monarchica, venha saudal-o pela apparição do seu novo jornal «A Monarchia» desejando uma vida longa e em paz.

A Paz!... essa palavra sagrada para nós tão desconhecida n'estes tempos de perseguições, emprego-a hoje na minha humilde correspondencia servindo apenas de remate aos meus cumprimentos.

—Falleceu ha dias no lugar de Crastuveus, a menina Zaura, filha do nosso desventurado amigo Antonio Francisco Nunes, que ha tempos se enforcou no lugar da Mourisca.

A toda a familia endereçamos os nossos pezames.

Coelho.

P. S.—Aos nossos correspondentes pedimos o favor de mandarem as suas correspondencias por fórma a estarem aqui na vespera da sahida do jornal, de manhã.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possuie machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.

Machina de dobrar folha impressa.

Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.

Machinas para trichromia.

Machinas para dourar a quente e a frio.

E muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pes oal que vae a casa dos clientes